

À MULHER ROUBADA

Leitor eis a minha historia
Não sei se alguém acha bôa
No principio veram logo,
Se será historia atôa
Escrevo um caso que deu-se,
Na cidade de Lisbôa.

Tratô de Minerva Alheiro,
Uma 'senhora casada
Nascida em Panafiel,
Em Villa Rica creada
E na cidade de porto,
Foi ella lá educada.

Minerva era uma mulher
Muito calma e caridosa,
Soccorria os desgraçados
E era muito caprichosa,
Como filha era um modelo,
Como esposa carinhosa.

Casou-se com Paulo Alheiro
Homem tambem educado,
Porém vivia no mar,
Onde era empregado
Custava a tocar em casa,
Devido o viver vexado.

O Paulo com a mulher
 Tinham os dois consultado,
 Elle trabalhar seis annos
 E juntar o ordenado
 E irem morar n'umas quintas,
 Que Minerva tinha herdado

Minerva tinha uma aia,
 Que ajudou-a a crear,
 Quando Minerva casou
 Ella não a quiz deixar
 Minerva tambem por si,
 Não a quiz desamparar.

Morava em umas quintas
 Quasi dentro da cidade,
 Na visinhança d'alli
 Todos lhe tinham amizade
 Ella costurava muito,
 Roupas d'aquelle arrabalde.

Paulo trouxera de Cuba
 Um mulato alaranjado,
 E botou elle na horta
 Para lá ser empregado
 Limpar a horta e plantar,
 E ir a qualquer mandado.

Um dia Minerva achou
 Que o mulato era atrevido,
 Faltou-lhe com o respeito
 E por ella foi reprehendido
 Dizendo Minerva a elle

Que dava parte ao marido
 Chamava-se esse divino
 Aureliano Mulato,
 Por andar muito macio
 Alguns chamava-lhe Gato
 Esse nome para elle,
 Guadrava como de facto.

Minerva um dia o mandou
 A rua comprar semente,
 De alface, couves e nabos
 Que era necessariamente
 Mas, recommendou a elle,
 A viagem muito urgente.

Promptamente elle sahio
 Tagarelando uma lôa,
 Encontrou um estrangeiro
 Dizendo que estava atôa
 Porque era americano,
 E não conhecia Lisbôa.

Pedio-lhe para o levar
 A uma hospedaria,
 Porque elle era estrangeiro
 Só podia andar com guia
 O levasse em casa seria,
 Que depois lhe pagaria.

Passaram pelo portão
 Do dito Paulo de Alheiro,
 Minerva estava nas quintas
 Plantando flôr n'um canteiro

Antonio

Paulo

Barbosa

O americano vio-a,
Estando por traz d'um pinheiro.

Então exclamou comsigo;
Oh! que mulher elegante!
Os olhos d'ella parecem
O reflexo de um brilhante
É impossivel que haja,
Creatura tão galante.

A bocca tão encarnada
As tranças como um retroz,
A cintura é um anel,
Deve ter bonita voz
Se eu pudesse ter a dita,
De conversamos a sós!...

Disse o mulato a Minerva
Ir a uma hospedaria,
Levar um americano
Que nada alli conhecia
E então lhe prometeu,
Que com pouco voltaria.

O maldicto americano
Não esqueceu mais Minerva,
Fez do seu nome uma cousa
Que a gente bota em conserva
Um objecto de luxo
Que o dono bota em reserva.

Fazia calculos comsigo:
Como hei de conquistal-a
Que fingimento usarei

Para hoje ir visital-a?
 Posso morrer cruelmente,
 Mas um dia hei de gosal-a.

Quem sabe se esta mulher
 Não teria apparecido,
 Para eu poder pagar
 O que tenho commettido
 Se ella fôr minha desgraça
 Eu já sei que estou perdido.

Então chegou no hotel
 Foi muito bem' recebido,
 Puchou dez libras do bolso
 Fingindo-se agradecido
 E deu-as ao portador,
 Que ali o tinha trazido.

O mulato muito alegre
 Lhe disse muito obrigado,
 Cada uma libra daquella
 Era dois mezes de ordenado
 Por isso admirou-se,
 De tanto lhe terem lado.

Disse elle ahi ao mulato,
 Eu preciso lhe fallar
 Mas a conversa è extensa
 Só pode ser devagar,
 Você de noite appareça,
 Eu tenho o que lhe tratar.

Eu sou dono do navio
 Que entrou para o estaleiro,

0
Sou seu dono e capitão
Tem credito e dinheiro
Farei de você feliz,
Se não me fôr traçoeiro.

A's 11 horas da noite
O mulato lá chegou,
Elle ainda o esperava
Tanto que alegre ficou;
Entraram para uma alcova,
Elle ahi se explicou.

Solicitou do mulato
Se Minerva era casada,
Então lhe disse que era
Perguntou: se era honrada
O mulato ahi contou,
Aquillo è uma damnaa!

Disse o mulato o marido
Chama-se Paulo de Alheiro,
Tem trinta annos de idade
E musculoso á ligeiro,
Ha vinte annos que vive,
Na vida de marinheiro.

E' commandante de barca,
Chamada «Polo do Norte»
O contra-mestre da barca
Chama-se Feliz Mão Forte,
E atè da irmandade,
Da Virgem da Boa-Morte.

Vossa mercê vá por lá

Diga que foi companheiro
E é amigo muito intimo
Do dito Paulo de Alheiro
Pois para falar com ella.
Este é o ponto certo.

Porque nòs estamos em Março
Ella só chega em dezembro,
Vossa mercê lhe fala
E volta cá em Setembro
Demore-se aqui no porto,
Atè dias de Novembro.

Então formaram o projecto
Elle ficou animado,
Deu mais dez libras ao tal
Por ter bem o informado
E disse se eu conseguir,
Dou-lhe dinheiro avultado.

No outro dia as 10 horas
Foi só não quiz companheiro,
Então chegou ao portão
Perguntou a um porteiro
Se aquella propriedade,
Era de Paulo de Alheiro.

Respondeu então que era
Disse que era empregado,
Indagou se a mulher delle
Tinha em Lisboa ficado
—Ficou disse o tal sujeito,
E está ali no sobrado.

O sujeito era o mulato
 Mas estava todo fingido
 De formas que esta conversa
 Minerva lá tinha ouvido
 Como bem elle dizer
 Que era amigo do marido

Faz favor dizer a ella
 Que lhe desejo falar,
 Já que não encontrei Paulo
 Como quem gosto de trocar
 Desejo conhecer ella
 Que quero complementar

Minerva quiz lhe mandar
 Dizer que estava occupada,
 Sem lhe dar demonstração
 De gente mal educada,
 Queria que se dissesse
 Que ella era delicada,

O mulato deu o recado
 E ella disse: mande entrar;
 Tinha ahi um visinho
 Que lhe vièra visitar
 Ella foi para uma sala
 E o mandou se sentar.

Bom dia? disse o recente
 Tenha o mesmo cavalheiro?
 Perguntou elle: a senhora
 E' esposa do Alheiro?
 Um meu amigo distincto,

E muito bom companheiro...

Sou eu uma sua creada
Estou-lhe muito obrigado,
Dizia o facineroso
Tremendo num phraseado
Ha seis mezes, que disseram-me,
Que paulo estava casado.

Minerva o interrogando
Como se chama o senhor?
Respondeu-lhe o meu nome?
É Pekin Ud Watelor,
Eu fui collega de Paulo,
Fomos de um só professor.

Soube que morava aqui
Embora que elle não está
Eu vi só ver a senhora
Já que elle anda por lá
Quando voltar lhe diga
Que Pekin andou por cá.

O maldoso estudou bem
E depois de lhe ter lido,
Honestidade e pudor
Disse a si mesmo: perdido,
Esta aqui pode morrer
Mas não é falsà ao marido.

Ergueu-se e disse a Minerva
Licença que vou chegando,
Tenho um navio no dique
Deixei-os concertando

Sò vim cá comprimental-a,
E ia se retirando.

Obrigada disse ella
Por mim se ter encommoado,
Encommoado nenhum senhora
Precisando de um creado
Estou sempre as suas ordens,
Para servil-a me aguardo.

E lhe apertando a mão
Se despedindo e sahiu,
Minerva rapidamente
Uma tristeza sentiu
Uma lagrima de sangue,
Sobre seu collo cahiu.

Minerva exclamou: è sangue
Já pertubando o sentido!...
O que acontecerà
A mim ou a meu marido
Isso serà um signal,
Que Paulo tenha morrido?

O miseravel sahiu
De todo contrariado,
Dizendo comsigo mesmo
Meu plano foi todo errado
Se o marido della vier,
Fico mais atrapalhado.

Chamou o mulato e disse:
Deposito em sua mão,
O cargo mais melindroso

De mais consideração
 Você ganha o que exigir,
 Se sahir bem na missão.

Eu tenho trinta e seis annos
 Tenho um grande capital,
 Tenho seis milhões em Londres
 Posto no Banco Real,
 Oito em França, dez na Grecia,
 Quatro aqui em Portugal.

E disse estão seis mil libras
 Para o que houver precisão,
 Seja sagaz e activo
 Tome muita precaução
 Não confie este segredo,
 Nem ao proprio seu irmão.

Eu parto de hoje a dois dias
 Daqui para Noruega,
 Por lá eu posso saber
 Aonde Paulo navega
 E emquanto não matal-o,
 Meu espirito não socega.

Na Noruega então soube
 Que Paulo foi para o norte,
 Estava engalhado no gelo
 Já em perigo de morte
 Disse Pekin essa nova,
 Me vem melhorar de sorte.

E seguiu em busca d'elle
 Achou-o quasi perdido,

Estava preso no gelo
 Já muito desprevenido
 Se não matasse algum peixe,
 Talvez tivesse morrido.

Paulo quando viu Pekin
 Não pode ter alegria,
 E olhando-o mais de perto
 Todo o corpo lhe tremia
 O traidor quando fitou-o,
 Como criança sorria.

Pekin sabia fallar
 Hebraico, Allemão Inglez,
 Italiano, Haspanhol,
 Divinamente o Francez
 Tanto que Paulo julgou,
 Que elle fosse portuguez.

Quando elle viu Paulo disse:
 Deus o guarde cavalheiro,
 Estava longe d'aqui
 Encontrei um companheiro
 Me disse que estava aqui,
 Encalhado um marinheiro.

Se lhe falta alguma coisa
 Eu venho bem prevenido,
 Trago viveres para um anno
 Já vê que estou bem munido
 Passo seis mezes aqui,
 O senhor está garantido.

Pekin disse ao paioleiro.

Que descesse ao porão
 E prevenisse a cosinha
 Daquella tripulação
 Mandou botar o jantar,
 E convidou Paulo então.

Pekin mandou a dispensa
 Ver o vinho especial,
 Paulo conheceu o vinho
 Que era de Portugal
 Disse esse aqui foi feito,
 Em minha terra natal.

Pekin affirmou foi mesmo
 Eu passando lá comprei,
 Saltou lá? perguntou Paulo,
 Disse Pekin: não saltei,
 A viagem foi urgente
 Por isso não demorei.

Pekin perguntou a Paulo
 —O nome do cavalheiro?
 Então o rapaz lhe disse
 Paulo de Salles Alheiro
 Disse Pekin—eu me chamo,
 Paulino de Sá Aveiro.

Depois de um mez e 10 dias
 Disse Pekin estou doente
 Desta sei que não escapo
 Conheço perfeitamente
 Com essa minha molestia,
 Nunca escapou um parente.

Paulo ficou muito afflicto
 Quando assim o viu gemer.
 Chamou Paulo e assim lhe disse
 Não posso mais escrever
 Nem novas da minha morte,
 Minha mulher hà de ter.

Oh! Minervina querida!...
 A morte me veio privar,
 Os revezes da fortuna
 Me prohibem de gozar
 O que julguei a principio,
 Longos annos desfructar.

Tú eras o objecto
 De mais gosto para mim,
 Mas a mão da providencia,
 Julgou o contrario assim
 Baixou do cèo um decreto,
 Para a morte dar-me fim

Só Deus não admirava
 Vendo este monstro exclamar
 Pobre de Paulo innocente
 Sem nunca desconfiar
 Não sabia que era um trama,
 Que o trahidor lhe ia armar.

Disse a Paulo escreva aqui
 Uma carta a minha mulher.
 E quando eu morrer remetta
 Ao logar que ella estiver
 Embora que exija d'ella

A quantia que quizer.

O leitor veja Pekin
Que idéa concebeu,
A letra do proprio Paulo
Na forma que elle escreveu
Indo ás mãos de Minerva
Era de crêr que morreu.

Na carta vinha o seguinte
Adeus esposa querida,
Chegaram-me agora os ultimos
Momentos da minha vida
Então te escrevo esta carta,
Por lembrança e despedida.

O portador desta mesma
Leva a minha embarcação,
Prometto se não morrer
Entregal-a ao meu patrão
Como tambem esta carta,
Entregar em tua mão.

Tenho um pedido a fazer-te
Se acaso quizer casar,
Procure um homem distincto
Que possa estado lhe dar
Eu preferia Pekin,
Um amigo que tenho no mar.

Pekin dizia comsigo
Está tudo bem dirigido,
Encaminhei a ideia
E serei bem succedido,

Minerva conheceu bem,
A lettra do seu marido.

Eu matando Paulo aqui
Dizia mesmo comsigo,
Levo a carta e dou a ella
Até ahi não há perigo
E então poderá crer
Que Paulo era meu amigo.

Dois ou tres dias depois
Pekin contava melhora,
Então combinou com Paulo
No fim do mez irem embora
Disse a Paulo que a carta,
Já tinha botado fóra.

Então havia uma ilha,
Que de bordo se avistava
Uma grande cordilheira
Que na praia se elevava
Viam-se alli arvoredos,
Dias que a neve passava.

Disse Pekin: ora Paulo
Nós vamos no fim do mez,
Tem aquella ilha alli
Ninguem foi n'ella uma vez
Vamos vêr se a gente atira,
Em algum cabrito montez?

Pekin conhecia a ilha
E já tinha projectado,
No rio que havia n'ella

Paulo ficar sepultado
 Matar a tripulação,
 Depois voltar descansado.

Paulo seguia na frente
 Na margem do rio parou,
 Pexin que vinha atraz d'elle
 Bem nas costas lhe atirou,
 Elle cahiu dentro d'agua,
 A correnteza o levou...

Pekin dizia comsigo
 Agora principiarei,
 A obra está em caminho
 Não sei quando acabarei
 O que havia mais custoso,
 Eu já desembaraçei.

Voltou ao navio de Paulo
 Disse que Paulo dizia,
 Que a tripulação jantasse
 Que elle lá mesmo dormia,
 Estava enfadado da caça,
 Voltava no outro dia.

Achou tudo descuidado
 Se dirigiu á cosinha,
 Num instante envenenou
 Toda a comida que tinha,
 Voltou dizendo comsigo:
 Caçada lorde è esta minha!

De vinte e dois marinheiros
 Sómente um escapou,

Por ser muito experiente
 Por isso foi que ficou
 Desconfiando do caso,
 Foi se deitar, não jantou.

Quando vio a mortandade
 Que no barco tinha havido,
 Disse comsigo: fui feliz
 D'aquillo não ter comido
 Já sei com toda a certeza,
 Que Paulo foi consumido

O marinheiro exclamava
 Foi morto meu commandante,
 Foi aquelle trahidor
 Liquidou-o n'um instante
 Jurou que se não morresse,
 Levava a questão avante.

Olhou para o lado, aonde
 O barco de Pekin estava,
 Este já tinha sahido
 Elle entre si murmurava
 Pensando sem accertar,
 Como delle se vingava.

Pensava o velho grunete
 Como havia de escapar,
 Naquelle logar extranho
 Quem o podia salvar?
 Outra embarcação alli,
 Era custoso encontrar.

Determinou ir p'ra ilha

Afim de ver se escapava
 E para ver se alguma caça
 Ou algum peixe alli achava
 Pedindo a Deus que o mostrasse,
 Qualquer barco que passava.

Tomou um bote e sahiu
 Como um ente sem sentido,
 De manhã estava chorando
 Ouvindo um grande gemido
 Quando foi ver era Paulo,
 Que ainda não tinha morrido.

Pekin veio ver de manhã
 Se tinha alguém escapado,
 Achou o barco dezerto
 Tudo tinha se acabado
 Sorriu com o riso triste
 Que sempre tem o malvado.

Mandou levantar o ferro
 Sem quasi fazer manobra.
 Dando uma livre expansão
 Ao destino de cobra
 Dizendo estou muito perto,
 De concluir minha obra.

Porem Deus que è grande e justo
 Auxilia o desgraçado,
 Mostra sempre ao innocente
 O que esconde do malvado
 Deus atrapalha o projecto
 Do mal intencionado...

Então Pekin calculou
 Que o projecto mais real,
 Era levar o navio
 A um porto principal
 De lá remetter as cartas,
 Com destino á Portugal.

O leitor já lei a carta
 Que elle mandou escrever,
 A carta escripta por Paulo
 Foi para Minerva crer
 Pois a lettra do marido,
 Havia de conhecer.

Formou todos os calculos
 Porem a idéa mais fina,
 Foi em dizer que a mulher
 Se chamava Minervina
 Depois raspando tres lettras,
 Dizendo o nome combina.

O nome de Minervina
 Remendou e fez Minerva
 De Paulino formou Paulo
 E disse está prompto aséva
 Só faltam as cartas seguirem,
 Com pouco o correio as leva.

Era uma tarde de Abril
 Soprava um vento ligeiro,
 O espaço estava limpo
 Não tinha um só nevoeiro
 Quando da casa de Paulo

Se approximou um carteiro,

Minerva foi-lhe ao encontro
E em completo desespero,
Perguntou muito vexada
Que nova traz, cavalheiro?
Veio duas cartas com lucto,
Para Minerva de Alheiro.

Minerva abriu uma carta
E logo impallideceu,
Era uma carta de pezames
Que Pekin lhe remetteu
Dizendo que o seu marido,
Em Setembro falleceu.

No estreito de Bering
Tocou a embarcação,
Estava preso no gelo
Perdeu a tripulação
Depois deu nelle uma febre,
Não pode ter salvação.

E eu passando por lá
Vi uma bandeira içada,
Chegando lá encontrei-o
Com a febre muito alterada,
Dei-lhe os remedios que tinha,
E não pude alcançar nada

Depois de uns oito ou dez annos
Chegou outro companheiro,
O americano Pekin
Seu amigo verdadeiro

Tanto que quasi enlouquece,
Devido a Paulo de Alheiro.

O leitor veja que trama
Tinha armado este malvado,
Sendo suas as duas cartas
Como tão bem ideiado
Para Minerva enganar-se,
Como tinha projectado.

Mande na ilha da Madeira
Procurar a certidão
Como também lá deixei
Papeis e embarcação,
No mais sou seu creado,
Christovão Carlos Galvão.

Abriu então a outra carta
Viu o que Paulo escreveu,
Pois a lettra do marido
Certo é que a conheceu.
Tinha sido um plano certo,
Que o trahidor concebeu.

Então Minerva dizia:
Oh! vida sem esperança!
Perdi meus paes tão pequenos
Casei-me quasi creança
Ficar viuva tão moça,
Uma alma assim não descança.

Margarida, a sua aia,
Em soluços se afogava,
O mulato occultamente

Risonho se conservava
 Contando com as dez mil libras,
 Que o novo patrão lhe dava.

Minerva fitou para o céu
 Exclamando oh! meu senhor,
 Deus homem verdadeiro
 Meu pae e meu protector
 Orae por esta infeliz,
 Meu Jesus por vosso amor.

E vós oh! Virgem Maria
 Bem sabeis quanto é a pena,
 Pois na morte de teu filho
 Passaste uma horrenda scena
 Dai-me o conforto que d'estes,
 A constricta Magdalena.

Depois de 8 ou 10 dias
 Foi despedido o mulato.
 Disse Minerva da horta
 Eu sosinha mesmo trato
 Elle dizia comsigo;
 Eu dou-te licção de gato.

Depois de um ou dois mezes
 O pekin appareceu,
 Foi em casa de Minerva
 E ella não o recebeu
 Porque quando lhe ouviu a falla,
 O coração lhe tremeu.

O trahidor não sabia
 Que meio havia de achar,

A força era impossível
 Tinha a lei para empatar
 Pensava de dia e noite,
 Que meio podia empregar.

Elle escreveu a Minerva
 Fallando'n'esse sentido,
 Dizendo; eu fui o maior
 Amigo de seu marido
 E tenho uma carta d'elle,
 Que convem esse sentido.

Desejava sua mão
 Visto lhe ter amisade,
 Pois desejava fazer
 A sua felicidade,
 Sou moço rico e solteiro,
 Devo ter prosperidade.

Minerva mandou dizer-lhe
 Que ficava agradecida,
 D'elle se dignar
 Em fazer d'ella escolhida
 Já tinha jurado a Deus,
 Desprezar tudo na vida.

Pekin fallou a uma freira
 Lhe pedindo que fizesse,
 Com que Minerva o amasse
 E aelle mesmo dissesse
 Podia pedir a elle,
 A quantia que quizesse.

Então a freira lhe disse:

Que sabia uma oração
 Que rezada abrandaria
 A qualquer um coração
 Ainda sendo de fêra,
 Quanto mais que é de christão.

A freira foi a Minerva
 Com um recado fingido,
 Ha trez noites que sonho
 Com alma do seu marido
 Que lhe manda dizer por mim,
 Que, não falte o seu, pedido.

Pekin tinha dito a ella
 Tudo que havia passado
 Só não lhe contou o modo
 Que foi Paulo assassinado
 Mas o resto do segredo,
 Lhe havia revelado.

Minerva disse—è trama
 Que esta freira quer armar,
 Mas o segredo da carta
 Onde ella podia achar
 E disse á freira meu Deus,
 Pode obrigar-me a casar.

A velha voltou e disse;
 Eu não pude fazer nada,
 A viuva é uma fêra
 Não há quem tome chegada
 Ouve falar no marido,
 Chora como uma damnada.

Pekin suspirando disse

Foi de balde o meu lutar
 A freira disse eu vou vêr
 Se a posso narcotizar
 Disse Pexin é o meio,
 Porque a posso pilhar

Foi a bordo e preveniu
 A toda tripulação,
 Dizendo hoje não sahe
 Ninguém desta embarcação
 Sahiu com seis marinheiros,
 Que tinham disposição.

Foi aonde estava a freira
 Disse ella; eu preparei,
 Levei um liquido d'aqui
 Que com um chimico arrumei
 Achei ella descuidada,
 No bule de chá botei.

Ahi Pekin disse a freira
 Existe aqui um mulato,
 Que foi empregado della
 O Aureliano Gato,
 Conhece todo segredo,
 A freira disse; eu o mato.

Chamou o mulato deu-lhe
 O veneno e elle bebeu,
 Com dez minutos depois
 Na mesma sala morreu.
 Disse a freira a hora è propria,
 Ella já adormeceu.

Levaram uma chave falsa
 E abriram o portão,
 Abriram a porta da frente
 Passaram pelo salão
 Estavam minerva e a aia,
 Dormindo ao pé do fogão.

Então trazia um berço
 A forma de uma liteira,
 E disse sigam com ella
 E ahi matou a freira,
 Deixou-a sobre o sofá,
 Disse: fica-te alcoviteira.

Quando Minerva acordou
 Estava num leito importante,
 Num camarote soberbo
 Um objecto galante.
 Nas borlotas das cortinas,
 Em cada uma um brilhante.

Assim que Minerva olhou
 E viu Pekin ao seu lado,
 Exclamou o que foi isso
 Deus terá me castigado?
 Onde eu estou que casa é esta,
 Oh! Deus olhai meu estado!

Pekin na beira do leito
 Se ajoelhou soluçando,
 Perdão! perdão! minha bella,
 Exclamou se lastimando,
 Perdôa a este infeliz

Que aqui está te adorando,

Então perguntou Minerva
 Como foi que vim aqui?
 Será por acaso um sonho
 Não é pois eu não dormi
 Por caridade me diga,
 Quem és tu, que estás ahí!

Sou eu, respondeu Pekin
 Aquelle que te escreveu,
 Que assistiu com teu marido
 No dia que falleceu
 Ella ahí deu-lhe uma syncope,
 Fechou os olhos e gemeu.

Pekin foi vêr chocolate
 Pediu para o tomar,
 Minerva ahí calculou
 Que era um acerto aceitar
 Pekin deixou-a sosinha,
 Para não a perturbar.

Minerva com Margarida
 Estavam em uma conversa,
 Sem saberem por que meio
 Lhe fizeram aquella peça
 Então Magarida disse;
 —Elle á senhora confessa.

Finja lhe ter amizade
 Exija uma condição,
 De lhe respeitar a honra
 Emquanto não der-lhe a mão.

Só assim nos poderemos
Sahir desta embarcação.

Chegou Pekim muito alegre
Minerva o cumprimentou,
Pekin ficou tão contente
Que de alegre não fallou
Fitando os olhos em Minerva,
Como uma estatua ficou.

Disse Minerva: o senhor
Pode um favor me fazer?
Não sendo para deixar-te
O mais é facil obter
Inda que fosse meu sangue,
Que desejasse beber

O senhor trouxe-me aqui
Me diga qual intensão,
Isto perguntou Minerva
Na maior pertubação,
Então respondeu Pekin
Meu desejo é dar-lhe a mão.

Pois bem respondeu Minerva
Visto querer me esposar,
Quero pedir ao senhor
Que queira me respeitar,
Sò me considero sua,
No dia em que me casar.

Pois não respondeu Pekin
Você está em seu direito,
Com esta resolução.

Eu fico mais satisfeito
 Já conheci que a senhora,
 Exige muito respeito.

Disse Pekin a Minerva
 Pode escolher o paiz,
 Aonda quizer cazar
 Hoje eu me julgo feliz
 Disse Minerva por mim,
 Dou preferencia a Pariz.

Pekin ficando contente
 Revelou todo passado,
 O mulato que a freira
 Tinha o envenenado
 Disse que a freira foi morta
 Por mão de um seu empregado.

Descobriu mais pela forma
 Que a tinha narcotizado,
 Condemnando só a freira
 Dizendo o ter enganado
 Alevantando de mais,
 Da freira um falso recado.

Minerva pedio a elle
 Que passasse por Cadi,
 Que ella queria pagar
 Uma promessa em Madrid,
 Para varrer uma igreja,
 De um santo que havia alli.

Disse Pekin- não há duvida
 E' perto posso passar.

Demoro lá uns dois dias
 Dou tempo a você chegar
 Agora lembrou-me até,
 Tenho um negocio a tratar.

Chegaram então á Cadi
 Minerva lhe quiz chamar,
 Pois assim era mais facil
 Pekin não desconfiar
 Diz elle vai meu creado,
 Não tem o que receiar.

Alugou o melhor carro
 Que no ponto appareceu,
 Mil contos de reis em joia
 A Minerva Pekin deu:
 Perguntou elle a Minerva,
 Aceita um abraço meu?

Acceito respondeu ella
 Sentindo n'alma um assombro,
 Minerva cahia morta
 Dando mais pequeno tombo
 Elle com muito respeito,
 Poz-lhe a mão sobre o hombro.

Sahiram e Bulafer
 Tambem os acompanhou,
 Elle se arrependeu tarde
 E ahi desconfiou
 Elle sabia o que fez;
 O remorso o accusou.

Chamou um criado velho

E lhe dissê você vá
 A madrid não perca tempo
 Veja o que se passa lá
 Se houver coisa contra mim,
 Telegraphe para cá.

Ellas chegaram em madrid
 Logo ao entrar na cidade,
 Minerva se dirigiu,
 A primeira auctoridade
 Fez sciente ao commissario,
 De sua infelicidade

O commandante d'alli
 Era um homem justiceiro,
 Prendeu no mesmo momento
 O creado e o bolieiro
 Telegraphou p'ra Cadi,
 Que prendesse o traioeiro.

Porem o creado velho
 De tudo tinha sabido,
 Telegraphou a Pekin
 —Patrão negocio perdido,
 Telegraphou n'outro nome,
 Para não ser conhecido.

Pekin com esse prefiqúe-se
 Conheceu toda traição,
 Abriu o ferro da barca
 Que estava de promptidão
 Vendo a hora que a justiça
 Podia lançar-lhe a mão.

Bulater descobriu tudo
 Quando foi ao tribunal,
 Minerva tomou o trem
 Regressou a Portugal
 Ficando alli aos cuidados,
 Da força policial.

Pekin pençava em Minerva
 Rugia como um leão,
 Dizendo antes se perdesse
 A minha tripulação
 Até mesmo a propria barca,
 Fosse de encontro a um tufão.

Vamos tratar sobre Paulo
 Quando o tiro recebeu,
 Cahindo dentro do rio
 Na correnteza desceu
 Depois pegou-se em um pão,
 Segurou-se e não morreu.

Quando foi no outro dia
 O marinheiro o achou,
 Paulo estava quasi morto
 O marinheiro o salvou
 Poude lhe extrahir a balla,
 Depois a fistula sarou.

Não sabia porque forma
 Tinha sido esta traição,
 Paulo não tinha inimigo,
 Disse o marinheiro então
 Foi mulher, não foi mais nada

Que cauzou esta questão,

Minha mulher disse Paulo
 Não creio que me trahisse
 Respeitava minhas cinzas
 Inda que eu não existisse
 Não creio inda que a sorte,
 Por castigo permittisse.

Estavam alli há dois annos
 Comendo cabra montez,
 Um dia estavam sentados
 Se maldizendo talvez
 Quando viram uma bandeira,
 De um hyate portuguez.

Paulo pedindo soccorro
 Veio um bote os buscar,
 Paulo soluçava tanto
 Que não podia contar
 Depois de cinco ou seis horas,
 Foi quando pôde fallar.

Afinal levaram Paulo
 A sua terra natal,
 Com seis mezes de viagem
 Chegou elle a Portugal
 Jurou não fazer a barba,
 Antes de vêr seu rival.

Paulo saltou e foi logo
 Para a sua habitação.
 Eram 3 horas da tarde
 Quando bateu no portão,

Magarida quando viu
Gritou logo: é o ladrão!

Ladrão o que Magarida!...
Paulo afflicto respondeu,
Não sou eu Paulo de Alheiro?
Magarida enfureceu
Dizendo; meu amo não,
Esse a dois annos morreu.

E chamou pela policia
Deram-lhe voz de prizão
Disse Paulo: diga a Minerva,
Que chegue aqui no portão
Minerva de longe vendo,
Confirmou é o ladrão

Minerva coitada vendo
O que tinha acontecido,
Devido a carta de Paulo
Que já tinha recebido
Não lhe podia vir a mente
Que aquelle fosse o marido.

Paulo quando viu Minerva
Deu-lhe uma syncope cahiu
Soltou um grito tão grande
Que a mulher do quarto ouviu
Exclamou oh! que desgraça!...
Minha mulher me trahi!

Nada mais disse a policia
E seguiu para a prisão,
Dando-lhe muitas vertigens.

N'aquella perturbação
 Estava da cor de tinta,
 O sangue do coração

No outro dia ás 10 horas
 Paulo foi interrogado,
 Porem nada respondeu
 Do que lhe foi perguntado
 Nisto chega o marinheiro
 Que a Paulo tinha salvado.

Snr. commandante esta preso
 Perguntou o marinheiro?
 O juiz lhe perguntou
 Conhece o prisioneiro?
 Conheço, disse o grumete,
 Pois não é Paulo de Alheiro?

Paulo não: disse o juiz
 Paulo falleceu no norte.,
 Não senhor respondeu Paulo
 O poder de Deus é forte
 A mulher mandou matar-me,
 Mas Deus revogou-me a morte.

Mas quem é sua mulher?
 Interrogou o juiz,
 Não é Minerva de Alheiro
 O ente mais enfeiz
 Interrogue este grumete,
 Que sabe tudo e lhe diz.

Então o grumete disse
 Tudo que se tinha dado,

Deu os signaes de Pekin
 Mas com o nome mudado
 O juiz disse Sr. Paulo,
 Você está mal informado.

Dr. eu não sou criança
 Respondeu Paulo de Alheiro,
 Minha mulher me trahiou
 Com aquelle traiçoeiro
 E para melhor provar,
 Fez-me até prisioneiro

Vá chamar d. Minerva
 Disse o juiz a um soldado,
 Disse Paulo antes eu quero
 Ser agora degolado
 Do que olhar a mulher,
 Por quem sou hoje utrajado.

Dou-lhe metade dos bens
 Se o sr. me dispensar,
 Obrigá-me a ver Minerva
 E' mais do que me matar
 De subito chegou Minerva,
 Paulo não poudé fallar.

Quando Minerva chegou
 Que conheceu o marido,
 Pensou na ingratição
 Que já tinha commettido
 Devido a barba de Paulo,
 Que muito tinha crescido.

Cahi-lhe aos pés de joelhos,

E lhe pediu por caridade
 Que lhe liquidasse seus dias
 Inda com rigoridae
 Dizendo creia por Deus,
 Não o conheci hontem a tarde.

Mulher exclamou Paulo
 Inda não estás consolada?
 De mandar tirar-me a vida
 Por meio de uma cilada,
 Mostrou-lhe a fistula do tiro,
 Que ainda não estava sarada.

Te illudisse com um malvado
 Projectando me offender,
 Eu para ti já morri
 Nada mais tenho a dizer
 Inda cheguei innocente,
 Tú me mandaste prender,

Minerva exclamou oh! Paulo!...
 Não me levantes um falso,
 Eu estive nas condições
 De um réo no cadafalso.
 Deus vendo minha innocencia
 Livrou-me deste embaraço

Ella ahi puchou as cartas
 Que do correio recebeu
 Entregou na mão de Paulo
 Elle abriu a carta e leu
 Minerva ahi perguntou-lhe,
 Não foi você quem escreveu

Paulo ao lêr as taes cartas
 Deu-lhe uma suffocação,
 Foi exato; disse Paulo
 Escrevi-as com minha mão
 Ahi contou a miudo,
 Como lhe a fizeram traição

Oh! Minerva me perdôa
 A minha grande maldade,
 Tive razão de scismar
 Visto o que deu-se hontem a tarde
 Eu ainda hei de vingar-me,
 Daquelle infeliz cobarde

Paulo comprou um hyate
 Então se lançou ao mar,
 Disse a Minerva você
 Por mim não tem que esperar
 Vou por todo mundo a fóra
 Até a Pekin encontrar.

Escolheu 10 marinheiros
 E largou-se ao oceano,
 Levaram agua e comida
 Para passar mais de um anno
 Foi o destino mais forte,
 Que se viu no corpo humano.

Andaram quasi dois annos
 Sem poder Pekin achar,
 Uma noite muita escura
 Viram um pharol no mar
 E Paulo apagou o delle,

Para se certificar.

E' Pekin disse o grumete
 Eu conheço o pharol d'elle,
 Navio ancorado alli?
 Ou è pirata ou é elle
 Disse. Paulo se preparem,
 Vamos fazer fogo n'elle.

Disse um velho marinheiro,
 Faça-se averiguação,
 Pode ser algum navio
 De outra qualquer nação
 Disse Paulo se fôr elle,
 Eu quero pegal-o a mão.

Com menos de duas horas
 Tudo alli se conveceu,
 Paulo appromimou-se d'elle
 Que era Pekin conheceu
 Elle deu fé que era Paulo,
 Abriu o ferro e correu.

Paulo seguiu atraz d'elle
 Como um leão furioso,
 Como um cão com hydophobia
 Desesperado e raivoso
 E seis días de viagem,
 Paulo não teve um repouso.

Correram vinte e seis dias
 Pelo mar desconhecido,
 Passaram em cabos e estreitos
 Que nunca ninguem tinha ido

Disse Paulo; ou eu me vingo,
Ou no mar sou consumido.

Um dia pelas 10 horas
Pekin ahi desgraçou-se,
O barco ia tão rapido
Bateu numa pedra e furou-se
Não tinha mais que fazer,
Pekin ahi entregou-se.

Miseravell exclamou Paulo
Estás agora em meu poder,
Aqui mesmo eu não te mato
Pois Minerva há de te vêr
Numa praça em Portugal
Has de em uma forza morrer.

Elle nada disse a Paulo
Perdeu de tudo a acção
Escumava pela bocca
Que parecia um leão
Paulo botou-o nos ferros,
E levou-o no porão.

Chegou preso em Portugal,
E quando desembarcou,
A justiça veio vêr
Minerva se apresentou
Assim que elle viu Minerva
Cahi no chão e exclamou;

Ainda preso e quasi morto
Nesta desgraça em que estou,
Tenho o prazer de olhar

Esta que me enfeitiçou
 Acenou-lhe com a mão,
 N'este momento expirou.

Paulo ahi sim, fez a barba
 Pagou a tripulação,
 Largou a vida do mar
 Descançou o coração.
 Foi viver com a mulher,
 Na antiga habitação.

No enterro de Pekin
 Foi no bolço d'elle achado,
 O papel de'um testamento
 Muito bem documentado
 Feito por tabelião
 E' por Pekin assignado.

Achou-se o teor seguinte
 Eu Pekin homem solteiro,
 Com trinta e seis annos justos,
 Constituo o meu herdeiro
 De todos meus possuidos
 Dona Minerva de Alheiro

Ainda mesmo que seja
 Assassinado por ella,
 Declaro hoje e assigno
 Todos meus bens serão d'ella
 Dona Minerva de Alheiro,
 Tem todo direito n'ella.

Sou livre desempedido
 Capitalista solteiro,



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).